



**ALOCUÇÃO DE SUA EXCELÊNCIA KAY RALA XANANA GUSMÃO,
CHEFE DA EQUIPA DE NEGOCIAÇÕES DE FRONTEIRAS MARÍTIMAS**

FÓRUM DE ENERGIA GLOBAL DO CONSELHO ATLÂNTICO

**Abu Dhabi, Emirados Árabes Unidos
11 de janeiro de 2019**

Boa tarde,

É um grande prazer estar de volta a Abu Dhabi, para participar no Fórum Global de Energia. Não há lugar melhor do que os Emirados Árabes Unidos para acolher esta discussão anual sobre os desafios energéticos que a humanidade enfrenta.

Abu Dhabi em si é um sonho no deserto, com um futuro alicerçado nos recursos energéticos, mas construído não por algo que se extrai do solo, mas por um recurso renovável: a imaginação humana.

Os Emirados Árabes Unidos estão comprometidos com o futuro – no seu pensamento e na sua economia. Tendo respondido com sucesso a muitas das questões que estamos aqui hoje a discutir; e que não poderiam ser mais relevantes para o povo do meu país, Timor-Leste.

- Como fazer a transição de uma economia dependente de recursos e evitar a maldição dos recursos?
- Qual a melhor maneira de casar, com sucesso, o desenvolvimento e a diversificação económica?

Ao enfrentar estes desafios, devemos reconhecer que a política energética é política económica; e que uma boa política económica deve ser sustentável. Isto é fundamental para uma boa governação.

Hoje, há muitos países onde as necessidades das pessoas estão a crescer a um ritmo mais rápido do que nunca. Vemos populações crescentes de jovens em lugares com acesso limitado à educação, ao emprego e a oportunidades de uma vida melhor.

Daqui a dois dias, irei dirigir-me a estudantes universitários na Academia Diplomática dos Emirados Árabes Unidos. A idade desses alunos é um pouco mais elevada do que a idade média de metade da população da Ásia e da África. Devemos parar para pensar sobre isto, por um instante.

Em Timor-Leste, cerca de 60% da nossa população tem menos de 25 anos.

Da África, à América Latina e à Ásia, o desafio para muitos países é como responder às necessidades de uma população jovem e crescente.

Esta é uma questão importante para todos nós, porque o fracasso gerará insatisfação, inquietação e conflito – e isso resultará em fragilidade, quer a nível nacional quer global.

No Fórum do ano passado, abordei o tema de por que é que este desafio é tão fundamental para Timor-Leste, e, também, por que é que o nosso acordo de fronteira marítima com a Austrália é tão importante.

Em março de 2018, Timor-Leste e a Austrália assinaram um Tratado de Fronteira Marítima que resolve as questões de jurisdição sobre os recursos no Mar de Timor.

Agora que assegurámos uma maioria do *Greater Sunrise*, um dos maiores campos de gás no Sudeste Asiático, com 70% da receita a fluir para o nosso país, o desafio é desenvolvê-lo de forma a que garanta o nosso futuro económico.

O nosso objetivo é usar os nossos recursos de forma responsável e entregar uma economia sustentável às gerações futuras.

Com as questões de propriedade e jurisdição sobre os recursos resolvidas, podemos avançar com o plano de desenvolvimento para a sua exploração.

Recentemente, concluímos um acordo com a ConocoPhillips para esta nos vender as suas ações no *Greater Sunrise*. Também celebrámos um Acordo de Compra e Venda com a Shell, para a venda das suas ações do *Greater Sunrise*.

Estes investimentos representam um passo importante que nos permitirá trazer um gasoduto para Timor-Leste - e construir a nossa própria indústria petrolífera.

Isto é fundamental para garantir que os empregos e as indústrias que vêm dos recursos de Timor-Leste, permaneçam em Timor-Leste - nas nossas costas e para o nosso povo.

Mas isto é apenas o começo. Desde o início, vimos a riqueza dos nossos recursos naturais como a base para uma economia diversificada.

Isto exige planeamento a longo-prazo e instituições eficazes que respondam às necessidades das pessoas que precisam delas.

Apenas alguns anos após a restauração da independência de Timor-Leste, em 2002, estabelecemos um fundo soberano para gerir as receitas dos nossos recursos energéticos

de forma transparente e sustentável, para benefício de todos os cidadãos e das gerações futuras.

Com base no modelo da Noruega, cada dólar dos nossos recursos petrolíferos vai para esse fundo. A partir de um saldo inicial de 205 milhões de dólares em 2005, tenho o prazer de informar que o mesmo cresceu, até aos dias de hoje, para um saldo de 17,2 biliões de dólares americanos.

Investimos 60% em títulos e 40% em ações - e isto gerou mais de 5 biliões de dólares em retornos.

Também éramos o terceiro país do mundo e o primeiro em toda a Ásia a cumprir os padrões e requisitos de transparência sobre a receita, da Iniciativa de Transparência das Indústrias Extrativas - a EITI (na sigla inglesa).

Timor-Leste reconhece que a diversificação de uma economia baseada em recursos é a maneira mais sensata de resolver problemas potenciais associados à dependência de recursos. Também reconhecemos que não existe uma fórmula mágica sobre como alcançar rapidamente a diversificação - fomentar a diversificação é um processo de longo prazo.

Há oito anos, delineámos um Plano Estratégico de Desenvolvimento a 20 anos que inclui políticas e programas para diversificar nossa economia: capital social e desenvolvimento económico e de infraestruturas - com um plano de infraestrutura abrangente, liderado pela transformação da nossa costa sul num núcleo regional petrolífero.

O projeto Tasi Mane, como nós o chamamos, irá estabelecer um corredor de 100 milhas ao longo da costa sul, que inclui a construção e a operação de uma refinaria, de um centro petroquímico, um centro de GNL, uma autoestrada de ligação, além de portos e aeroportos.

Isso irá descerrar cerca de 200.000 hectares no interior, adequados para todos os setores industriais, desde a pecuária até à indústria transformadora e de embalagens para exportação.

Quando totalmente implementado, o projeto Tasi Mane não só beneficiará as indústrias petrolíferas, mas ajudará a trazer para uma escala muito maior todas as outras indústrias centrais para o nosso futuro.

Por outras palavras: diversificação económica. E essa diversificação económica orienta-nos para o desenvolvimento e o fortalecimento do setor agroindustrial e do turismo.

Mas o nosso desenvolvimento económico não será bem-sucedido se não nos focarmos igualmente numa outra área crítica para o desenvolvimento dos nossos recursos, e refiro-me à construção do Estado.

Se olharmos por esse mundo fora, as economias baseadas em recursos que têm sucesso, têm também instituições fortes, boa governação, sustentabilidade política, sistemas jurídicos eficazes e independentes e boa liderança.

Aqueles que falham, a maioria das vezes, contam a história oposta.

Estamos determinados a ter sucesso. Nós assegurámos a paz e estamos a consolidar o nosso Estado. Construámos um país livre e democrático, com uma economia aberta e o respeito pelo primado do direito e pela dignidade humana do nosso povo.

A revista *The Economist* considerou que Timor-Leste é o país mais democrático do Sudeste Asiático.

As receitas provenientes da nossa riqueza de recursos, ajudou-nos a construir a paz e a construir o Estado. A despesa pública tem vindo a ser direcionada para áreas importantes com resultados positivos no setor da saúde, da educação, da assistência social e das infraestruturas, desde que a nossa produção petrolífera começou.

Sabemos que não estamos sozinhos neste nosso desafio. Timor-Leste lidera o g7+, um grupo de Estados frágeis e afetados por conflitos; muitos dos quais enfrentam o mesmo desafio de como aproveitar a riqueza em recursos para dar um futuro sustentável ao seu povo. Esta organização intergovernamental compreende 20 países de todo o mundo, das Caraíbas à África e do Pacífico ao Médio Oriente.

Todos sabemos muito bem que a exploração de recursos nem sempre foi benéfica para os pequenos países em desenvolvimento - a chamada "Maldição dos Recursos" pode resultar em Estados falhados, estagnação económica e corrupção.

E assim, o nosso desafio é fazer com que a exploração de recursos funcione para desenvolver os nossos países e construir um futuro de oportunidades para os nossos povos. Devemos aprender com as nossas experiências e com as experiências uns dos outros, enquanto reconhecemos que as circunstâncias de todos os países são diferentes.

Eu já vi muita coisa na minha vida para me tornar um prisioneiro da ideia da "maldição dos recursos". Não há resultados inevitáveis na vida, ou na vida das nações.

E assim como vi muitos países a sofrerem de conflito e fragilidade, tenho visto histórias de sucesso na construção de Estados, apoiadas pelo desenvolvimento de recursos. Isto inclui não só os EAU, mas outras muito mais perto de casa, como é o caso da Indonésia, da Malásia e do Brunei.

Ao invés de uma maldição dos recursos, eu acredito na maldição dos pretextos. A maldição que assenta nos recursos, como uma desculpa para a instabilidade e o subdesenvolvimento ou má governação, quando é a liderança que é o problema.

É por isso que os países precisam planejar o seu futuro, para garantir que o desenvolvimento de recursos beneficia as pessoas e não uns poucos indivíduos ou outros interesses.

Nenhum dos nossos problemas está sem solução. Mas também não se resolvem por si próprios.

Lembro-me de quando Nelson Mandela viajou até à Indonésia e me visitou na prisão. Quando ele refletiu sobre a longa marcha do seu país para a liberdade, ele disse: "Parece sempre impossível, até que seja feito."

É a liderança que decide se os recursos serão uma maldição ou um rumo para um futuro próspero.

Infelizmente, em países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, ainda existem muitos obstáculos políticos, especialmente o ego demonstrado por líderes políticos que impedem

um processo suave em direção à democracia e, conseqüentemente, ao desenvolvimento do povo e das suas nações.

E assim, estou ansioso para ouvir o nosso painel de discussão e para aprender mais sobre estratégias de gestão de recursos de outros países, através dos ilustres especialistas aqui presentes.

Muito obrigado.

Kay Rala Xanana Gusmão

11 de janeiro de 2019